

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE FILOSOFIA - IFILO

GUSTAVO CÉSAR CARASKI PEÇANHA

MAL-ESTAR NO CONTEMPORÂNEO: A INSUSTENTABILIDADE DA
SOCIEDADE DE CONSUMO

Uberlândia-MG

2023

GUSTAVO CÉSAR CARASKI PEÇANHA

MAL-ESTAR NO CONTEMPORÂNEO: A INSUSTENTABILIDADE DA
SOCIEDADE DE CONSUMO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para obtenção do título de bacharel e licenciatura em Filosofia.

Área de concentração: Ética

Orientador: Simeão Donizeti Sass

Uberlândia-MG

2023

GUSTAVO CÉSAR CARASKI PEÇANHA

MAL-ESTAR NO CONTEMPORÂNEO: A INSUSTENTABILIDADE DA
SOCIEDADE DE CONSUMO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para obtenção do título de bacharel e licenciatura em Filosofia.

Área de concentração: Ética

Orientador: Simeão Donizeti Sass

Uberlândia, 16 Novembro de 2023.

Banca Examinadora:

Simeão Donizeti Sass – Doutor (UFU)

Silvano Severino Dias – Doutorando (UFU)

Dedico este trabalho *in memoriam* aos mais de
700 mil brasileiros, vítimas da Covid-19 e suas
famílias.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Isadora Bernadete Moreira e Souza, minha companheira nessa jornada, e talvez a única que um dia possa relatar em detalhes cada uma de nossas lutas, vitórias e derrotas;

Ao meu amigo Giovani Corbetta de Pauli por toda ajuda e suporte para realização desse trabalho;

Ao professor Gustavo Rodrigues Rosato e a todo o pessoal da escola Felisberto Alves Carrejo que nos acolheu tão bem durante nosso período de estágio.

Um agradecimento especial para o meu amigo e professor Simeão Donizeti Sass por todos os seus ensinamentos e paciência, durante essa jornada. Amigo este, que gostaria de levar para a vida e para além da Filosofia.

E a todos que de alguma forma contribuíram para que esta empreitada fosse possível de ser concluída.

“Educação não transforma o mundo.
Educação muda às pessoas. Pessoas
transformam o mundo”.

- PAULO FREIRE

RESUMO

Através deste trabalho, buscaremos analisar sob diferentes perspectivas as deturpações de valores sociais, e a modulação de conceitos como o da sustentabilidade em favor do neoliberalismo. Para tanto, pretendemos explorar, partindo de Freud, o mal-estar presente no sujeito inserido em uma sociedade em desenvolvimento. Perpassando questões mais recentes como as colocadas em Gadotti, e trazidas por Chomsky que mostram que para além do indivíduo temos um mal-estar na sustentabilidade da vida. Exploraremos possíveis formas de entender e conceituar esses problemas, além de tentar amenizá-los ou resolvê-los, através do esclarecimento de Naomi Klein e do próprio Chomsky. Por meio de diversas abordagens apontaremos as questões éticas envolvidas no tema, sua aplicação prática e por consequência, política, além das muitas expressões estéticas e artísticas que demonstram esse mal-estar como existente numa sociedade subjugada pelas formas de poder vigentes. A escolha da discussão sobre a insustentabilidade na sociedade de consumo e seu recorrente mal-estar no contemporâneo se faz necessária devido à gravidade de seu impacto na vida e como entendemos nossa forma de viver em sociedade. Portanto, acreditamos que a presente pesquisa se mostra relevante como forma de apresentar os problemas da sociedade contemporânea frente o consumismo neoliberal.

Palavras-chave: filosofia contemporânea; sustentabilidade; ética; consumo; neoliberalismo.

ABSTRACT

Throughout this work, we will seek to analyze the disturbances of social values, and the modulation of concepts such as sustainability in favor of neoliberalism, from different perspectives. To this end, we convey, starting from Freud, the discomfort present in the subject inserted in a developing society. Going through more recent questions such as those raised by Gadotti, and brought up by Chomsky, which show that beyond the individual we have a malaise in the sustainability of life. We will explore possible ways of understanding and conceptualizing these problems, in addition to trying to alleviate or resolve them, through the clarification of Naomi Klein and Chomsky himself. Through different approaches, we will point out the ethical issues involved in the topic, its practical application and, consequently, political application, in addition to the many aesthetic and artistic expressions that demonstrate this malaise as existing in a society subjugated by the current forms of power. The choice to discuss unsustainability in consumer society and its recurring malaise in contemporary times is necessary due to the severity of its impact on life and how we understand our way of living in society. Therefore, we understand that this research is relevant as a way of presenting the problems of contemporary society in the face of neoliberal consumerism.

Keywords: contemporary philosophy; sustainability; ethic; consumption; neoliberalism.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. A INSUSTENTABILIDADE DO CONSUMO SUSTENTÁVEL.....	11
2.1. CONSUMO VERSUS SUSTENTABILIDADE.....	11
2.2. O MITO DO CAPITALISMO SUSTENTÁVEL.....	14
2.3. A EDUCAÇÃO COMO POSSIBILIDADE DE MUDANÇA.....	17
3. O CONTROLE MUDIÁTICO.....	20
4. A ESTÉTICA DO MAL-ESTAR.....	25
5. UMA POLÍTICA DO INSUSTENTAVÉL.....	29
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:.....	39

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem por objetivo analisar o antagonismo entre os conceitos de sustentabilidade e desenvolvimento neoliberal. Partindo do pensamento ético filosófico dos autores Moacir Gadotti e Noam Chomsky. O trabalho proposto se desenvolve em torno destes dois autores, contudo, a pesquisa também terá um caráter transdisciplinar perpassando temas que envolvem: política, economia, psicologia, arte e educação. Traremos reflexões diversas de autores, como: Sigmund Freud, Paulo Freire, Naomi Klein, Libera, Calgaro e Rocha.

O tema desse trabalho trata sobre o mal-estar contemporâneo, partindo do pressuposto apresentado por Freud em *O mal-estar na civilização (1996)*, de que nosso viver em sociedade possui um intrínseco mal-estar. Por meio dessa premissa, buscaremos atualizar tal mal-estar do indivíduo para um mal-estar mais amplo e social, que pode ser encontrado em toda a sociedade capitalista, mais especificamente a sociedade de consumo.

É impossível fugir à impressão de que as pessoas comumente empregam falsos padrões de avaliação - isto é, de que buscam poder, sucesso e riqueza para elas mesmas e os admiram nos outros, subestimando tudo aquilo que verdadeiramente tem valor na vida. (FREUD, 1996, p. 73)

Por meio de uma leitura crítica de vários autores, trabalharemos o tema da insustentabilidade na nossa sociedade capitalista atual. O debate acerca da sustentabilidade já vem sendo difundido desde os anos 60, com ênfase nos 80 e 90. Onde factualmente muito pouco foi feito para tornar a existência de vida no planeta mais sustentável. Um dos principais autores que usaremos para tratar desse tema é Moacir Gadotti.

De fato, “sustentável” é um termo que, associado ao desenvolvimento, sofreu um grande desgaste. Enquanto para alguns é apenas um rótulo, para outros ele tornou-se a própria expressão de um absurdo lógico: desenvolvimento e sustentabilidade seriam logicamente incompatíveis. Para nós, “sustentável” é mais do que um qualificativo do desenvolvimento econômico. Ele vai além da preservação dos recursos naturais e da viabilidade de um desenvolvimento sem agressão ao meio ambiente. Ele implica um equilíbrio do ser humano consigo mesmo e com o planeta, e, mais ainda, com o próprio universo. A sustentabilidade que defendemos refere-se ao próprio sentido do que somos, de onde viemos e para onde vamos, como seres humanos. (GADOTTI, 2008, p. 46)

O autor evidencia que diferente do que nos é passado, o problema ecológico ambiental não é só pertinente à vida marinha e as grandes florestas, o problema é de todos nós, principalmente dos grandes centros, e de nossa forma de produção predatória e destrutiva.

Os problemas ecológicos de hoje são menos problemas dos mares, das florestas e do ar do que problemas das grandes megalópoles, causados pelo modo de produção dominante – comumente chamado de capitalismo neoliberal como forma de dominação política e de exploração econômica. (GADOTTI, 2008, p. 105)

Trabalharemos outros autores contemporâneos que tratam do tema, como: Libera, Calgaro, e Rocha. Como enfoque central da discussão neoliberal, pretendemos usar o autor americano Noam Chomsky, especificamente sua obra *O lucro ou as pessoas? Neoliberalismo e ordem global (2002)*. Onde ele trata da destruição de valores criados pelas políticas neoliberais e suas consequências globais.

Em suma, a primeira grande experiência de desenvolvimento econômico foi uma “má ideia” para os governados, mas não para os seus criadores e para as elites locais a eles associadas. Esse padrão se mantém até hoje: coloca-se o lucro acima das pessoas. A consistência dessa crônica não é menos impressionante do que a retórica que aclama como “milagre econômico” a mais recente vitrina da democracia e do capitalismo e do que essa retórica geralmente esconde. (CHOMSKY, 2002, p. 13)

Utilizaremos também da obra *A Doutrina do Choque: a ascensão do capitalismo de desastre (2008)*, da escritora e jornalista canadense Naomi Klein. Em que é possível ver dados e fatos acompanhados pela própria autora em seus trabalhos como jornalista, onde ela evidencia o modo econômico neoliberal como uma verdadeira máquina de destruição.

Numa tentativa de expandir a pesquisa para além da ética e da política, buscaremos agregar produções artísticas contemporâneas que exprimem o mal-estar do consumismo em nosso dia a dia, utilizando-se de artistas como: o animador Steve Cutts, o diretor John Carpenter, o escritor francês Frédéric Beigbeder e a banda Pearl Jam. Para assim compor uma estética do mal-estar contemporâneo frente à insustentabilidade da sociedade de consumo.

2. A INSUSTENTABILIDADE DO CONSUMO SUSTENTÁVEL

2.1. CONSUMO VERSUS SUSTENTABILIDADE

O educador e filósofo Moacir Gadotti, nos convida em seu livro *Educar para a sustentabilidade* (2008) a pensar de forma crítica a questão da sustentabilidade e do desenvolvimento sustentável. Para ele, esses termos hoje acabam assumindo diversas conotações e por vezes sendo distorcidos. Por isso a necessidade de entendê-los de forma crítica, a fim de encontrar uma concepção que nos ajude a viver melhor, de forma saudável, justa, produtiva e equilibrada em benefício de todos.

Como Gadotti nos mostra, o conceito de desenvolvimento sustentável só aparece em 1987 no Relatório Brundtland, porém, esse não foi o início da discussão sobre o tema, ele surge desde 1968 no Clube de Roma – um grupo de economistas e cientistas que buscavam conscientizar a humanidade a respeito do seu ritmo de “crescimento”. Esse grupo advertia que estávamos caminhando para um limiar, que se ultrapassado, colocaria em risco a vida de nossa espécie e de todo o planeta. Esse tema também foi abordado na conferência de Estocolmo na Suécia em 1972, onde a Declaração sobre o Meio Ambiente apresentava uma forte preocupação de como estávamos fazendo uso de nossos recursos naturais.

Foi no Clube de Roma que se observou o crescimento econômico em uma rota de conflito com a sustentabilidade ecológica; o sistema das Nações Unidas, entretanto, acreditava na conciliação entre os dois. Gadotti, no entanto, nos adverte que o limiar apontado pelo Clube de Roma já foi ultrapassado e que estamos começando a sentir as consequências de nosso meio de produção e consumo neoliberal. Segundo o autor:

[...] O aquecimento global já não é um episódio distante. Seus efeitos já começam a fazer-se sentir em todo o planeta. Agora já ultrapassamos o limiar apontado pelo Clube de Roma em 1968. Em poucos anos, pela ação dos seres humanos – agora está comprovado – ficou demonstrado “cientificamente” que o aquecimento global é uma realidade. Não temos mais escolha: ou mudamos o nosso modo de produzir e reproduzir nossa existência no planeta ou simplesmente morreremos. Ou inventamos um novo modo de viver ou morreremos. Os dados do IPCC mostraram que a principal causa do aquecimento global é a ação humana. A temperatura do planeta

poderá subir até o final do século entre 1,8 a 4°C, com graves consequências para todos os ecossistemas da Terra. [...] (GADOTTI, 2008, p.45)

De acordo com o autor, apesar de toda a discussão acerca da “sustentabilidade” e do “desenvolvimento sustentável”, esses conceitos continuam vagos. Por isso se faz necessário qualificá-los. Para ele, o sentido de “sustentável” ao lado de “desenvolvimento” sofreu certo desgaste. A respeito da polissemia Gadotti nos diz:

[...] Enquanto para alguns é apenas um rótulo, para outros ele tornou-se a própria expressão de um absurdo lógico: desenvolvimento e sustentabilidade seriam logicamente incompatíveis. Para nós, “sustentável” é mais do que um qualificativo do desenvolvimento econômico. Ele vai além da preservação dos recursos naturais e da viabilidade de um desenvolvimento sem agressão ao meio ambiente. Ele implica um equilíbrio do ser humano consigo mesmo e com o planeta, e, mais ainda, com o próprio universo. A sustentabilidade que defendemos refere-se ao próprio sentido do que somos, de onde viemos e para onde vamos, como seres humanos.” (GADOTTI, 2008, p.46)

Para ele, uma cultura sustentável deve também se propor a ser uma cultura planetária, ou seja, uma cultura que entende que a Terra é construída por uma só grande comunidade de humanos, todos os “cidadãos de uma única nação”, fazendo direta alusão ao **planeta todo** como sendo um só meio que todos compartilham. Para ele, “Sem uma preocupação social, o conceito de ‘desenvolvimento sustentável’ esvazia-se de sentido. [...]” (GADOTTI, 2008, p.49).

Os problemas ecológicos de hoje são menos problemas dos mares, das florestas e do ar do que problemas das grandes megalópoles, causados pelo modo de produção dominante – comumente chamado de capitalismo neoliberal – como forma de dominação política e de exploração econômica. (GADOTTI, 2008, p.105)

É impossível separar as questões políticas das questões ambientais, muito da narrativa deturpada de sustentabilidade vem da própria concepção histórica em que ela se estabelece. O neoliberalismo e neocolonialismo pressupõem que todas as sociedades devam buscar uma única via de acesso ao bem-estar: “o consumo e acumulação de bens materiais”, sem que nunca se possa pensar realmente sobre a sustentabilidade de nossas práticas, mas sim, no prazer individual, material e imediato. Nesse ponto dou destaque a esse novo mal-estar, essa

sensação de desconforto perante nossa forma de existir que é constantemente sufocada. Todos os nossos valores morais e éticos, são convertidos em valores do capital, o indivíduo é manipulado a buscar uma felicidade egoísta, direcionado a acreditar que a única forma de existir é a neoliberal.

O conceito de “desenvolvimento” não é um conceito neutro. Ele tem um contexto bem preciso dentro de uma ideologia do progresso, que supõe uma concepção de história, de economia, de sociedade e do próprio ser humano. O conceito já foi utilizado numa visão colonizadora, durante muitos anos, nos quais os países do globo foram divididos entre “desenvolvidos”, “em desenvolvimento” e “subdesenvolvidos”... remetendo-se sempre a um único padrão de industrialização e de consumo. Ele supõe que todas as sociedades devam orientar-se por uma única via de acesso ao bem-estar e à felicidade, a serem alcançados apenas pela acumulação e consumo de bens materiais. Metas de desenvolvimento foram impostas pelas políticas econômicas neocolonialistas dos países chamados “desenvolvidos”, em muitos casos, com enorme aumento da miséria, da violência e do desemprego. Junto com esse modelo econômico, com seus ajustes por vezes criminosos, foram transplantados valores éticos e ideais políticos que levaram à desestruturação de povos e nações. [...] (GADOTTI, 2008, p.50)

A ambiguidade do “desenvolvimento sustentável”, nada mais é que a realização do liberalismo norte-americano. Entre a sustentabilidade e o capitalismo existe certa incompatibilidade de princípios. Por isso para Gadotti, essa contradição de base é o que inviabiliza o desenvolvimento sustentável em si, o erro está em tentar conciliar dois conceitos antagônicos. Já que uma vida sustentável teria de ser uma forma de bem viver para todos, com equilíbrio e harmonia com o meio ambiente, além de um modo de vida justo e produtivo. Já a forma de desenvolvimento dentro do nosso atual Capitalismo visa o lucro obtido por meio do consumo desenfreado.

[...] Como pode existir um crescimento com equidade, um crescimento sustentável, numa economia regida pelo lucro, pela acumulação ilimitada e pela exploração do trabalho? Levado às suas últimas consequências, o projeto do desenvolvimento sustentável coloca em questão não só o crescimento econômico ilimitado e predador da natureza, mas o próprio modo de produção capitalista. Desenvolvimento sustentável só tem sentido numa economia solidária, uma economia regida pela “compaixão” e não pelo lucro. (GADOTTI, 2008, p.53)

O autor nos apresenta então a economia solidária como uma das possíveis respostas acerca de um desenvolvimento sustentável. Segundo ele: “A economia solidária se constitui num rico processo em curso, regido pelos princípios da solidariedade, da sustentabilidade, da

inclusão social e da emancipação. Nesse sentido ela representa uma grande esperança.” (GADOTTI, 2008, p.58).

Enquanto a gestão capitalista foca no acúmulo de capital e no lucro, a gestão solidária está preocupada com a qualidade de vida de seus associados, e a um modo de vida sustentável e de bem viver a toda população. Dessa forma, completamente oposta aos princípios dos dirigentes capitalistas.

Para ele a economia solidária está ligada a formação cultural, trata-se de uma mudança de princípios e valores que orientem o comportamento humano. O desenvolvimento não deve ser medido apenas pelos valores econômicos, mas também pelo seu impacto social, cultural e ambiental.

Para mudar o modo pelo qual os homens hoje produzem e reproduzem a sua existência é preciso mudar a lógica que preside esse modo de existir humano. Não se trata de extinguir a riqueza e o mercado que a faz circular. Trata-se de fazer circular a riqueza com uma outra lógica: da lógica da concentração para a lógica da desconcentração, da lógica da competição que comanda o mercado livre para a lógica da cooperação que comanda o mercado solidário. Só podemos revolucionar o nosso modo de existir no planeta interferindo nessa lógica. Ele só pode ser transformado, superado, pela introdução de uma outra lógica, com alternativas econômica, política e socialmente viáveis. (GADOTTI, 2008, p.59)

2.2. O MITO DO CAPITALISMO SUSTENTÁVEL

No artigo “*A insustentável sustentabilidade do capitalismo*”, os autores buscam evidenciar o mito do capitalismo sustentável. Segundo eles entre os anos 60 e 80 concebeu-se a ideia de desenvolvimento sustentável, onde tivemos os primeiros questionamentos sobre a exploração de recursos naturais, e como eles estão diretamente ligados à degradação do planeta. Partindo deste paradigma entre sustentabilidade e desenvolvimento que o artigo se desenvolve.

Segundo eles, os conceitos de sustentabilidade e desenvolvimento sustentável foram construídos ao longo dos anos, tendo como pressuposto a proteção ambiental. Porém, a proteção ambiental deve ocorrer junto das questões econômicas, ou, em outras palavras não

interferir nelas. Nessa conjectura podemos visualizar o verdadeiro inimigo do meio ambiente, e causador da degradação do planeta: **o modo de produção capitalista advindo do neoliberalismo.**

O capitalismo e sua estrutura voltada a obtenção de lucro a qualquer custo, focando unicamente no acúmulo de riqueza, não permite outra forma para existirmos que não a **insustentável.**

O capitalismo, por ter características muito peculiares, como a obtenção de lucro e a acumulação de riquezas, a predominância da propriedade privada, divisão de classes e exploração do trabalho, a exploração da natureza e dos recursos naturais, o crescimento da desigualdade social e consequente degradação e poluição da natureza em decorrência do consumo excessivo, surge como obstáculo para se alcançar um modo de vida e de produção que possa ser considerado sustentável. (LIBERA; CALGARO; ROCHA, 2020. p. 138).

Uma questão central apresentada pelos autores é de que seria impossível universalizar a forma de vida dos povos ricos sem que o sistema econômico mundial entrasse em colapso. Segundo eles, o conceito mais difundido entre diversos autores sobre o desenvolvimento sustentável se divide em três pilares: social, econômico e ambiental. O desenvolvimento sustentável deve ser um modelo que busca atender a geração atual, sem comprometer a capacidade de atender as necessidades de gerações futuras. Já o capitalismo visa sempre o lucro e o acúmulo de capital, diferente de outros modos de produção que visam atender as necessidades básicas dos membros de sua comunidade.

Pode-se dizer que o capitalismo é um modo de produzir a vida, através das relações de produção, isto é, a produção e a troca de bens e serviços. Uma economia capitalista reúne três elementos-chave, que a definem: a propriedade privada dos meios de produção, o mercado de trabalho e a troca de produtos num mercado visando ao lucro. No capitalismo, a produção sempre visa ao lucro. Em outros modos de organizar a economia, a produção não visa necessariamente ao lucro, mas saciar necessidades básicas dos produtores e membros da comunidade ou simplesmente disponibilizar bens e serviços. A obtenção do lucro é imanente ao capitalismo. (LIBERA; CALGARO; ROCHA, 2020. p. 146).

Os autores nos apresentam também o conceito de *Greewashing* ou “lavagem verde”. Conceito este principalmente relacionado a produtos e mercadorias, mas que pode se estender a serviços e a empresas como um todo. O *Greewashing* nada mais é que vincular a ideia de

sustentabilidade ambiental à publicidade de produtos e serviços, como uma espécie de selo de qualidade que agrega valor a marca. Porém esses produtos nada possuem de sustentáveis. Essa prática tem como objetivo criar uma imagem positiva do produto frente à opinião pública, ocultando os impactos ambientais gerados.

Como exemplo tomaremos a propaganda de 2023 da empresa *Samsung* sobre “eco troca”¹, que em meio a paisagens verdes e discursos sobre reciclagem de materiais, sugere que você troque todos os seus eletrodomésticos por versões novas: “mais sustentáveis”, e assim salve o planeta, consumindo ainda mais. Segundo esse tema os autores elencam importantes questões:

Ou seja, há que se questionar: qual o interesse do capital em dispendar custos econômicos para proteger o meio ambiente? Ou melhor, há interesse? E se há interesse, quais são as razões fundantes para tal? A preocupação é, de fato, com a natureza, ou apenas com as formas possíveis de lucrar sobre ela? Esses são alguns questionamentos pertinentes que merecem serem seriamente debatidos. (LIBERA; CALGARO; ROCHA, 2020. p. 151).

É evidente a incongruência de uma sustentabilidade real e uma economia mundial dominado pelo capitalismo. O livre mercado que visa apenas o crescimento e o acúmulo de capital não possui outra função que não a de principal antagonista da sustentabilidade ambiental. Os que vivem em situação social mais frágil, sempre serão as maiores vítimas da super-exploração. Dessa forma, devemos nos questionar: sustentabilidade para quem? Neste ponto, o que podemos afirmar é que a insustentabilidade ambiental é causada diretamente pelo nosso modo de vida capitalista neoliberal.

Os autores chamam a atenção para as lutas ambientais. Segundo eles, elas se apresentam de forma infrutífera, enquanto não for combatido o real problema que é o modo de produção capitalista. Enquanto esse modo não for combatido, as lutas contra a degradação

¹ Eco Troca. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yL0cxBQ0yc> Acesso em: 12/10/23.

da natureza serão apenas medidas paliativas com soluções momentâneas para um problema instaurado.

Por fim, eles nos convidam, enquanto sociedade a repensar a sustentabilidade e a forma como ela é utilizada pelo capitalismo, visto que existe a necessidade de um novo pensamento ambiental que modifique os parâmetros de desenvolvimento econômico, enquanto desenvolvimento predatório. A sociedade, na qualidade de um sistema social pode através da comunicação buscar uma racionalidade que viabilize a sustentabilidade, porém é indispensável que essa mudança opere diretamente na matriz econômica de produção e consumo mundial.

2.3. A EDUCAÇÃO COMO POSSIBILIDADE DE MUDANÇA

No livro *Educar como Prática da Liberdade (1997)*, Paulo Freire nos diz que “as relações que o homem trava no mundo com o mundo apresentam uma ordem tal de características que as distinguem totalmente dos puros contatos, típicos da outra esfera animal” (FREIRE, 1997, p. 38). Portanto, o homem pode ser entendido como um ser histórico, político, social e cultural. Um ser com capacidade de abstrair, de compreender o tempo, o mundo, os outros e a si mesmo, ou seja, o homem é um ser transformador. Segundo Paulo Freire, “no ato de discernir, porque existe e não só vive, se acha a raiz, [...] atinge o ontem, reconhece o hoje e descobre o amanhã” (FREIRE, 1997, p. 40). O homem enquanto esse ser político e social opera mudanças em seu meio. No ato de discernir, o homem é sujeito não só de si, mas também da sociedade, em união com os outros, ele opera transformações e modifica sua história.

Por isso, diante da eminente destruição do planeta, surge alternativas, uma cultura verdadeiramente sustentável. Que segundo Gadotti deve partir pela pedagogia, ela deve nos ensinar a ler o mundo, a entender o universo e a tomá-lo como nosso verdadeiro educador.

Consideramos hoje a Terra também como um **oprimido**, o maior de todos. Por isso, precisamos também de uma pedagogia desse oprimido que é a Terra. Precisamos de uma Pedagogia da Terra como um grande capítulo da pedagogia do oprimido, precisamos de uma ecopedagogia. A ecopedagogia é uma pedagogia centrada na vida: considera as pessoas, as culturas, os modos de viver, o respeito à identidade e à diversidade. (GADOTTI, 2008, p.15)

Faz-se necessário se redefinir a noção de progresso, não mais uma economia voltada ao lucro, mas sim, ao bem-estar de todos e a sustentabilidade. É preciso pensar e educar de uma nova maneira, em que o materialismo fique de lado e os valores da vida tomem o protagonismo de nossa história.

Como visto, estamos consumindo para além da capacidade da Terra de se renovar. Segundo Gadotti: “Para alimentar com dignidade a todos os habitantes do planeta, atendendo suas necessidades, precisaríamos de três planetas, segundo os padrões de consumo capitalistas.” (GADOTTI, 2008, p.87). Os países supostamente mais “desenvolvidos” são os que mais destroem, são os verdadeiros predadores da Terra, devido ao seu modo de vida insustentável de consumo.

A degradação ambiental é resultado direto de uma política econômica idealizada pelos países de primeiro mundo. Só entendendo as verdadeiras causas, podemos então planejar e reestruturar uma mudança verdadeira, só assim poderemos nos reeducar para um futuro.

Educar para o desenvolvimento sustentável é educar para o uso de fontes renováveis de energia, para economizar energia e rever nosso modo de vida. Mas seria falso se insistíssemos apenas na mudança de comportamento das pessoas, dos indivíduos, deixando em paz o sistema. O desafio é mudar o sistema de vida na Terra, o sistema capitalista. Marx dizia que o capitalismo não esgota apenas o trabalhador. Esgota também o planeta. O modelo capitalista é que está em questão porque é ele que está **esgotando tanto as pessoas quanto o planeta.** (GADOTTI, 2008, p.103)

Faço uma leitura aqui desse esgotamento das pessoas, como um esgotamento físico e mental, como o que venho chamando de mal-estar contemporâneo. Estamos presos em uma superestrutura de produção e consumo que nos destrói diariamente e nos conduz a um sofrimento coletivo.

Segundo Gadotti o indivíduo e a sociedade devem se unir à luta global pela transformação do sistema capitalista. Para ele: “O que importa é mudar o sistema. Por isso, devemos prosseguir com as pequenas mudanças que, se seguidas por milhões de pessoas, podem operar uma grande mudança.” (GADOTTI, 2008, p.103).

A educação então deve promover um novo mundo possível, uma nova sociedade, mais justa e viável a nossa existência. Portanto, uma educação transformadora, solidária, e não apenas uma educação voltada ao desenvolvimento econômico, que se foca apenas no preparo tecnicista do indivíduo para atender as demandas do mercado. Para o autor, sustentabilidade pressupõe a busca pelo bem comum (uma velha tese liberal pouco colocada em prática). Para Moacir Gadotti, o sucesso da competitividade capitalista, significa o fracasso do desenvolvimento sustentável.

A educação deve se pautar num novo mundo, numa nova forma de nos organizarmos e em nossas relações com o planeta. Gadotti conclui dizendo:

A educação para um outro mundo possível será, necessariamente, uma educação para a sustentabilidade. Não se pode mudar o mundo sem mudar as pessoas: mudar o mundo e mudar as pessoas são processos interligados. No século 21, numa sociedade que utiliza cada vez mais as tecnologias da informação, a educação tem um papel decisivo na criação de outros mundos possíveis, mais justos, produtivos e sustentáveis para todos e todas. (GADOTTI, 2008, p.106)

Somente rompendo com velhos paradigmas que poderemos salvar o planeta de seu esgotamento. Para Gadotti a crise atual é uma crise de paradigmas civilizatórios. Assim como Freire, Gadotti defende que a mudança deve ocorrer pela educação, pelo entendimento do mundo, só assim poderemos criar um novo paradigma. Um paradigma que respeite o planeta e sua vida, os homens e suas culturas, um mundo mais sustentável e justo a todos e não só aos países ricos, um paradigma que encerre com o delírio liberal de economia e consumo, um paradigma do “bem-estar”.

3. O CONTROLE MIDIÁTICO

Neste Capítulo trataremos sobre o controle midiático e a influência da indústria cultural sobre a sociedade capitalista neoliberal. Para isso contaremos com os trabalhos do filósofo Noam Chomsky em sua obra *Mídia: Propaganda Política e Manipulação (2014)*.

De acordo com Chomsky os meios de comunicação estão emparelhados num sistema de controle e construção de narrativas. É através desse sistema que se constrói a opinião pública e a aceitação popular frente às práticas de um Estado liberal e suas políticas impopulares.

Segundo ele, essa construção de opinião pública começa pela difusão da opinião de “especialistas”, principalmente através do jornalismo. Especialistas estes membros da elite acadêmica e intelectual, pois as figuras de autoridade que eles remetem tendem a facilitar a aceitação do público comum.

Acima de tudo, porém, eles queriam controlar a opinião dos membros mais inteligentes da comunidade norte-americana, os quais, então, difundiriam a propaganda política que estavam forjando e levariam o país pacifista à histeria belicista. Funcionou. E funcionou muito bem. E nos deixou uma lição: a propaganda política patrocinada pelo Estado, quando apoiada pelas classes instruídas e quando não existe espaço para contestá-la, pode ter consequências importantes. Foi uma lição aprendida por Hitler e por muitos outros e que tem sido adotada até os dias de hoje. (CHOMSKY, 2014, p.07)

Para o autor, vivemos em uma “democracia de espectadores”, onde somente uma elite (a comunidade intelectual), é capaz de gerir os interesses de todos. Para ele essa concepção é bem comum: a de legitimar um discurso através de “especialistas”. Vimos muito isso recentemente no governo Bolsonaro (2019-2022), em que todas as políticas econômicas eram deixadas a cargo do “especialista” Paulo Guedes, sem margem para entendimento ou questionamento. Segundo Chomsky:

Ora, existem duas “funções” numa democracia: a classe especializada, os homens responsáveis, assume a função executiva, o que significa que eles pensam, planejam e compreendem os interesses de todos. Depois, temos o rebanho desorientado, e ele também tem função na democracia. Sua função na democracia, dizia ele, é a de “espectador”, e não de participante da ação. Porém, por se tratar de uma democracia,

esse rebanho ainda tem outra função: de vez em quando ele tem a permissão para transferir seu apoio a um ou outro membro da classe especializada.” (CHOMSKY, 2014, p.08)

Para Noam Chomsky, o princípio ético dos liberais é de que a maior parte da população é “estupida” demais para poder compreender sua realidade, sendo assim, se for colocada em participação ativa na administração do Estado só causaria transtorno. Dessa forma, seria imoral e impróprio permitir que fizessem isso.

O foco central então se torna como produzir **consenso**, como domesticar um rebanho desorientado. É exatamente nesse seguimento que o autor aponta a grande revolução na arte da democracia: **se produzir consenso a partir da mídia, das escolas e da cultura popular**. Segundo ele, os liberais acreditam que os dotados de razão precisam criar “ilusões necessárias” e “simplificações radicais” poderosas emocionalmente, o suficiente para manter o rebanho desorientado acreditando em sua liberdade ao mesmo tempo em que segue a boiada.

A propaganda política está para uma democracia assim como o porrete está para um Estado totalitário. Esta é uma atitude inteligente e vantajosa porque, uma vez mais, os interesses comuns escapam ao rebanho desorientado: ele não consegue decifrá-los. (CHOMSKY, 2014, p.10)

Para o autor a violência contra operários em greve já estava fora de moda, essa prática já não traz mais resultados como antes. Ao invés disso, foi-se dominando a arte de se produzir consenso através da propaganda, algo que se mostra muito mais eficaz e sutil. “Esse é o objetivo principal de uma propaganda bem-feita: criar um slogan do qual ninguém vai discordar e todos vão apoiar”. (CHOMSKY, 2014, p.12)

A ideia central dos liberais é sempre criar uma narrativa que coloque a população, “a grande massa”, contra os grevistas, os sindicalistas, professores, trabalhadores no geral. Transformando assim, o interesse público no interesse do homem de negócios, no interesse liberal. Constrói-se o consenso de que os grevistas são os tumultuadores, desordeiros, que

causam confusão e profanam a ordem pública. Para os liberais faz-se necessário impedir toda e qualquer forma de tumulto para que a economia possa girar, ou segundo eles: “para que possamos voltar a viver em harmonia”. Podemos ver um exemplo direto disso na fala do atual governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas acerca da greve dos metroviários:

“É muito triste ver a população ser privada do transporte público, do transporte coletivo, que é um direito social, para uma pauta que é própria, que é corporativa, ou seja, não faz o menor sentido. Uma greve política que não tem o que ser reivindicado. Nós não estamos tratando de dissídio. Aliás, já tivemos essa discussão no passado, é a quarta greve que é chamada neste ano e o cidadão está sendo privado (de transporte)” (FREITAS, 2023)².

De acordo com Chomsky o pensamento liberal vê a democracia como um sistema, em que a classe especializada é treinada para trabalhar a serviço de seus líderes, os verdadeiros donos da sociedade, as **oligarquias**. O restante da população deve ao máximo ser privada de quaisquer formas de organização. Um exemplo disso é a “demonização” dos sindicatos na narrativa democrática norte-americana, onde a organização sindical é vista como uma espécie de Comunismo, uma praga a ser exterminada. O autor coloca: “Tudo começa sempre com uma ofensiva ideológica que cria um monstro imaginário, seguida pelas campanhas para destruí-lo.” (CHOMSKY, 2014, p.22).

Chomsky nos diz que esta prática difere do totalitarismo: “Não é como um Estado totalitário, em que é feito por meio da força. Esses feitos acontecem num contexto de liberdade” (CHOMSKY, 2014, p.17). Liberdade esta que é constantemente usada como escudo de críticas pelos liberais, insinuando sempre que as críticas vêm de pessoas com ideais “comunistas”.

Paulo Freire coloca que: “uma das grandes, se não a maior, tragédia do homem moderno, está em que é hoje dominado pela força dos mitos e comandado pela publicidade organizada, ideológica ou não, e por isso vem renunciando cada vez, sem o saber, à sua

² Entrevista Tarcísio. Disponível em: <https://www.metropoles.com/sao-paulo/tarcisio-pede-a-justica-aumento-da-multa-a-grevistas-de-metro-e-cptm> Acesso em: 12/10/23.

capacidade de decidir” (FREIRE, 1997, p. 41). Grande parte das pessoas tem sua percepção dominada, ajustada à realidade de opressão a qual se está submetida, sem nem ter consciência disso, tamanha é à força do controle midiático e da indústria cultural sobre a sociedade.

Sobre esse tema o educador e filósofo Moacir Gadotti coloca que ainda não estamos completamente condenados. Ele vê uma saída possível através da contrapropaganda e do engajamento pelo consumo sustentável.

O modo de vida é imposto pelas máquinas de publicidade das grandes corporações, mas não necessariamente somos determinados por elas. A participação e a mobilização dos consumidores pode ser decisiva para o êxito da Década. Nesse sentido, é importante criar a contrapropaganda à insustentabilidade, propondo uma comunicação alternativa com todos os públicos, visando ao consumo sustentável. (GADOTTI, 2008, p.21)

Os autores de *A insustentável sustentabilidade do capitalismo (2020)*, Libera, Calgaro e Rocha dão destaque para o conceito de indústria cultural, elaborado por Adorno e Horkheimer. Na indústria cultural podemos dizer que a cultura é feita a partir da lógica de produção industrial. Ou seja, toda a produção artística se submete a uma fórmula não havendo real expressão artística, não restando espaço para o indivíduo.

Um grande exemplo do capitalismo fazendo uso da indústria cultural é a forma como ele vende o agronegócio. Grande parte da mídia brasileira financiada pelo “Agro” promove o slogan: “Agro é tech, agro é pop”, além de produções culturais que colocam o produtor rural como herói econômico do Brasil como foi o caso em *O Rei do Gado*, telenovela da Rede Globo.

O capitalismo se utiliza da indústria cultural enquanto mecanismo alienante, que ofusca as massas sobre seus efeitos reais, principalmente na questão ambiental. O domínio do capital sobre a indústria cultural é um dos pilares que garante a passividade da sociedade frente à insustentabilidade imposta.

Trata-se de saber se queremos viver numa sociedade livre ou sujeitos àquilo que corresponde a uma forma de totalitarismo autoimposto, com o rebanho desorientado marginalizado, distraído com outros assuntos, aterrorizado, berrando slogans patrióticos, temendo por sua vida e reverenciando o líder que o salvou da destruição, enquanto as massas instruídas são enquadradas e repetem os slogans que se espera que repitam, e a sociedade entra em decadência. Nós acabamos fazendo o papel de um Estado mercenário disciplinador, esperando que os outros nos paguem para destruir o mundo. Essas são as escolhas. Essa é a escolha que vocês têm de enfrentar. A resposta a essas perguntas está, em grande medida, nas mãos de pessoas como vocês e como eu. (CHOMSKY, 2014, p.31)

Para os liberais o papel das massas é ficar na frente da TV e celular, absorvendo a mensagem de que o único propósito da vida é possuir mais bens de consumo, a única função do trabalhador é trabalhar, produzir e consumir. Uma máquina incessante de consumo e lucro. Nossa vida é resumida ao consumismo material, por analogia ao *Mal-Estar na Civilização* (1996) de Sigmund Freud, onde o autor propõe que nosso viver em sociedade sufoca e gera mal-estar na nossa própria natureza, onde os valores morais atuavam de forma destrutiva sobre a saúde mental das pessoas. Aqui buscamos atualizar esse mal-estar, não mais sendo gerado pelo moralismo, mas sim pelo modo de vida e produção capitalista liberal. Estamos vivendo sob valores vazios: o materialismo, o sucesso ligado unicamente ao lucro, em linhas gerais, isso está nos destruindo e destruindo o planeta. Viver dessa forma se faz insustentável tanto para o indivíduo, quanto para a sociedade e para a vida na Terra.

4. A ESTÉTICA DO MAL-ESTAR

Neste tópico apontaremos uma série de produções artísticas audiovisuais, em uma tentativa de expandir nossa pesquisa para além da ética e da política. Serão apresentadas produções artísticas contemporâneas que exprimem o mal-estar do consumismo em nosso dia a dia, utilizando-se de artistas como: o animador Steve Cutts, o diretor de cinema John Carpenter, o escritor francês Frédéric Beigbeder e a banda Pearl Jam. Para assim compor uma estética do mal-estar contemporâneo frente à insustentabilidade da sociedade de consumo.

Durante sua carreira, a banda grunge Pearl Jam ficou conhecida pela recusa em aderir às tradicionais práticas da indústria musical, incluindo a recusa em produzir videoclipes e o engajamento em boicotar a *Ticketmaster*³. Em entrevista à revista *RollingStone*⁴, Jeff Ament membro da banda disse: "Daqui dez anos, não quero que as pessoas se lembrem das nossas músicas como se fossem vídeos". Eles acreditavam que os clipes deturpavam as músicas, além de alienar os ouvintes. A banda só voltou a lançar vídeos em 1998, com "*Do the Evolution*", do álbum *Yield*.

A música e o clipe de *Do the Evolution*, possuem uma peculiaridade, após toda a insistência para que eles voltassem a fazer clipes para divulgar seu trabalho, eles aceitaram, porém o clipe é uma animação contando a história da humanidade desde as primeiras civilizações, até sua extinção por meio da tecnologia e o capitalismo predatório. O clipe é cheio de menções a como a sociedade foi fundada por tiranos e escravocratas, sendo considerado um movimento de contracultura de sua época. O clipe pode ser visto na página oficial da banda no link: <https://www.youtube.com/watch?v=aDaOgu2CQtI>

³ Empresa responsável pelo monopólio de venda de ingressos nos Estados Unidos.

⁴ Entrevista Jeff Ament. RollingStone. Disponível em: <https://rollingstone.uol.com.br/noticia/por-que-o-pearl-jam-relutava-em-fazer-clipes-no-comeco-da-carreira/> Acesso em: 12/10/23.

Steve Cutts é um artista independente, ilustrador e animador de Londres. Sua obra de arte faz críticas diretas à sociedade moderna de consumo. Seu estilo é inspirado nos desenhos animados da década de 1920, bem como em histórias em quadrinhos. Ele trabalhou em projetos de publicidade para empresas como: Coca-Cola, Google, Sony, Toyota, Bacardi, Philips e Kelloggs entre outros. Podendo assim ser considerado um verdadeiro “*insider*”⁵ da indústria da propaganda. Após alguns anos trabalhando com grandes marcas, ele decide por criar trabalhos autorais que criticam toda a estrutura de vida neoliberal e consumista de nossa sociedade moderna⁶.

Seus principais trabalhos são curtas-metragens que podem ser encontrados em seu canal oficial do *Youtube*⁷. Dentre eles, daremos destaque para *The man* (O homem), *Turning Point* (Ponto de virada) e *Happiness* (Felicidade).

Em *The man*⁸, Steve Cutts mostra o processo de expropriação da natureza pelo “homem”, até que o mundo se torne uma grande pilha de lixo. Sentado em seu trono “o homem” se torna então o senhor de uma terra devastada. Fazendo alusão direta as grandes corporações e aos ideais neoliberais.

Em *Turning Point*⁹, um curta-metragem simples, Steve apenas inverte os papéis, colocando os animais como seres civilizados antropomórficos e o ser humano como uma espécie oprimida e a beira da extinção pela estrutura social do consumo.

⁵ *Insider* é uma expressão em inglês para uma pessoa que tem acesso a informações privilegiadas nas empresas.

⁶ Conheça Steve Cutts. Disponível em: <https://diarioverde.com.br/conheca-steve-cutts/> Acesso em: 12/10/23.

⁷ Steve Cutts. Disponível em: https://www.youtube.com/@steve_cutts Acesso em: 12/10/23.

⁸ *The man*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WfGMYdalCIU> Acesso em: 12/10/23.

⁹ *Turning point*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=p7LDk4D3Q3U> Acesso em: 12/10/23.

*Happiness*¹⁰ talvez seja sua obra mais forte, e menos ambientalista. Aqui o animador retrata a sociedade contemporânea de consumo em sua máxima potência, representando as pessoas como ratos desesperados pela felicidade que pode ser “comprada” de várias formas: desde um carro novo, uma garrafa de bebida, até um ansiolítico. Não importa qual forma de felicidade você escolha, pegue uma e volte para o ciclo de trabalho e consumo.

John Carpenter é um produtor, editor e compositor de cinema estadunidense. Apesar de Carpenter ter trabalhado em vários gêneros de cinema, está mais associado aos filmes do gênero de ficção científica e terror dos anos de 1970 e 1990. Ele é conhecido por filmes como: *Halloween* (1978), *Fuga de Nova Iorque* (1981), *O Enigma de outro mundo* (1982), *Aventureiros do bairro proibido* (1986) e *They Live* (Eles vivem) (1988).

They Live chama a atenção devido a ser uma carta de repúdio as políticas neoliberais de Ronald Regan e Margaret Thatcher. De acordo com o próprio diretor em um compilado de entrevistas intitulado *They Live in John Carpenter's Own Words* (*They Live* segundo John Carpenter) “Nós somos manipulados por um monte de mídia ao nosso redor, somos consumidos pelo consumismo.”¹¹

Em *They Live*, a Mídia em todos os seus formatos é retratada como uma ferramenta de dominação e alienação. O protagonista é um americano médio solitário e desempregado, que encontra um óculos “mágico” que o faz ver para além da dominação, e percebe que estamos em um mundo corrompido e que nossos líderes estão nos conduzindo para a ruína. John Carpenter ataca diretamente a ideologia de capitalismo neoliberal pregada nos anos 80, que segundo ele se trata de algo desumano e insustentável.

¹⁰ *Happines*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=e9dZQeIUldk> Acesso em: 12/10/23.

¹¹ *They Live in John Carpenter's Own Words*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ORrasstzfEY> Acesso em: 12/10/23.

\$29,99 (2003) é um romance do ano 2000 do escritor francês Frédéric Beigbeder. O livro foi lançado na França em agosto de 2000 pela *Grasset & Fasquelle* e desde então foi relançado sob os títulos € 14,99 e € 5,90. Pouco depois do lançamento inicial do livro, Beigbeder foi demitido de seu emprego de publicitário após seus empregadores lerem sua obra. Em 2007, o livro foi adaptado para um filme, dirigido por Jan Kounen.

Segundo o Prefácio da edição brasileira feita por Antônio Torres: “*\$29,99* é a radiografia de uma atividade que é o louco motor da sociedade de consumo. Ou mais: o antianúncio do capitalismo na passagem dos 99 para os 00”.¹²

No livro acompanhamos Octave, publicitário (assim como o escritor) que nos revela as entranhas do mundo da publicidade e todas as formas de manipulação e domínio para que um produto seja desejado e consumido. Uma curiosidade é que, o título do livro sempre se altera a cada reedição, pois é literalmente o valor do livro na prateleira das lojas, não possuindo assim um título, mas sim um **preço**.

Quero dar destaque aqui para a última mensagem da adaptação cinematográfica de Jan Kounen: “Todos os anos, o orçamento global gasto em publicidade, aumenta em 500 bilhões de dólares. Um estudo da ONU estima que para reduzir a fome no mundo pela metade, 10% deste montante seriam suficientes.”¹³

Todos esses exemplos de produções artísticas transbordam mal-estar. Todos eles soam como um berro reprimido de uma sociedade em sofrimento, envolta a um sistema predatório. Onde somos todos apenas uma pequena engrenagem num sistema de destruição e consumo.

¹² BEIGBEDER, Frédéric. **\$29,99**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

¹³ **99 Francs**. Direção: Jan Kounen. 2007. DVD.

5. UMA POLÍTICA DO INSUSTENTAVÉL

Para nos aprofundarmos no tema político, usaremos novamente o Filósofo americano Noam Chomsky, porém agora com ênfase em sua obra *O lucro ou as Pessoas (2002)*; E a jornalista e escritora canadense Naomi Klein e sua obra *A Doutrina do Choque: a ascensão do capitalismo de desastre (2008)*; Para nos introduzirmos ao tema escolhemos as palavras do educador e filósofo Moacir Gadotti.

Segundo Gadotti, estamos vivendo um crescimento incessante no campo tecnológico, porém paralelo ao crescimento da miséria: “somos uma espécie de sucesso no campo tecnológico, mas muito mal sucedida no governo do humano.” (GADOTTI, 2008, p. 78). Com isso o autor propõe que entendamos nossa realidade atual como uma **tecnocracia**, onde países ricos e corporações decidem o destino dos países pobres, sem quaisquer preocupações com a vida das pessoas.

A globalização, impulsionada pela tecnologia, parece determinar cada vez mais nossas vidas. As decisões sobre o que nos acontece no dia-a-dia parecem nos escapar, por serem tomadas muito distante de nós, comprometendo nosso papel de sujeitos na história. Mas não é bem assim. Como fenômeno, como processo, a globalização é irreversível. Mas não esse tipo de globalização, esse modelo de globalização, o “globalista” (Ianni, 1996) ao qual estamos submetidos hoje: a globalização capitalista. Seus efeitos mais imediatos são o desemprego, o aprofundamento das diferenças entre os poucos que têm muito e os muitos que têm pouco, a perda de poder e de autonomia de muitos estados e nações. Há, pois, que distinguir os países que hoje comandam a globalização – os globalizadores (países ricos) – dos países que sofrem a globalização – os globalizados (pobres). (GADOTTI, 2008, P.29)

Paulo Freire em sua obra *Educação e Prática da Liberdade (1997)* coloca que, desde a colonização do Brasil o poder sempre se centrou na mão dos mandatários: tivemos uma sociedade escravocrata, depois o coronelismo. Durante a história de formação do país, nunca houve um real fomento à democracia ou a participação popular. Isso fez do povo uma classe subjugada, oprimida, que aprendeu a aceitar as decisões de seus senhores. “Realmente o Brasil nasceu e cresceu dentro de condições negativas às experiências democráticas” (FREIRE, 1997, p. 66).

Chomsky em sua obra *O lucro ou as pessoas* (2002) evidencia esses aspectos dizendo que as doutrinas neoliberais debilitam a educação e a saúde, aumentam a desigualdade social e excluem possibilidade de redistribuição de renda. Especificamente sobre o Brasil o autor nos diz que:

Em seu texto de 1989, Haines classificou a “política norte-americana para o Brasil” como “extremamente bem-sucedida”, “uma verdadeira história de sucesso americano”. O ano de 1989 foi um “ano de ouro” aos olhos do mundo dos negócios, com lucros triplicados em relação a 1988 e uma redução de cerca de 20 por cento nos salários industriais, que já figuravam entre os mais baixos do mundo; a classificação do Brasil no Relatório das Nações Unidas sobre o Desenvolvimento Humano estava próxima à da Albânia. Quando o desastre começou a atingir os ricos, os “modernos métodos científicos de desenvolvimento baseado no capitalismo intensivo” (Haines) se transformaram de uma hora para outra em prova dos males do estatismo e do socialismo outra transição rápida que ocorre sempre que necessário. Para apreciar esse avanço, devemos nos lembrar de que o Brasil há muito é reconhecidamente um dos países mais ricos do mundo, dotado de enormes vantagens, até mesmo meio século de influência e tutela dos Estados Unidos, que, com a melhor das intenções, por acaso estão uma vez mais a serviço do lucro da minoria, enquanto a maioria do povo é deixada na miséria. (CHOMSKY, 2002, p. 13)

Para Chomsky o neoliberalismo pode ser entendido como um conjunto de políticas e processos que priorizam os interesses de um grupo muito pequeno de pessoas a controlar a vida coletiva de forma a atingir seus objetivos individuais. Neoliberalismo este, que é a política econômica predominante de nosso tempo, seguida por partidos de direita, centro e também por boa parte da esquerda tradicional, diferente do que se imagina. Essas políticas correspondem aos interesses de investidores e de grandes oligarquias.¹⁴

O foco principal do livre-mercado neoliberal é o enfraquecimento do poder público e da influência do Estado sobre o empreendimento privado, pois consideram o Estado como um emperro burocrático e parasitário, que mesmo bem-intencionado, segundo eles, mais prejudica do que traz algum benefício. Os benefícios não são vistos justamente por essa ser uma ótica que parte da cosmovisão dos mais ricos, sendo assim, segundo eles irrelevante:

¹⁴ Introdução de *O lucro ou as pessoas* (2002) por Robert W. McChesney.

saúde pública, educação gratuita, saneamento básico, água tratada, entre quaisquer outros benefícios que uma regência estatal pode prover.

Partindo desse grupo neoliberal, comumente encontramos a defesa de medidas como: a redução de impostos para os ricos, e para grandes empresas, com o argumento de geração de empregos; sucateamento das regulamentações ambientais, com a justificativa de retirar entraves burocráticos para a exploração dos recursos naturais; o desmantelamento da educação pública, por ser segundo eles de péssima qualidade e, portanto mais bem regida pela ordem privada.

O discurso neoliberal fala como se estivessem prestando aos pobres e ao meio ambiente um excelente serviço, quando na verdade estão apenas aprovando políticas em benefício de uma minoria privilegiada que foca unicamente na obtenção de lucros cada vez maiores. As consequências disso são: um crescimento da desigualdade econômica e social, uma destruição ambiental catastrófica, e uma crescente lucratividade para os mais ricos sem precedentes históricos. Sendo este um sistema não apenas econômico, mas também de ordem global.

O plano da democracia neoliberal não é de formar cidadãos, mas sim consumidores. Dessa forma, o neoliberalismo é o principal antagonista da verdadeira democracia participativa. A globalização é, portanto, o resultado da ação de governos poderosos, em especial o dos Estados Unidos, que impõe ao mundo tratados comerciais e acordos de negócios que beneficiam grandes empresas e os ricos a dominarem as economias sem quaisquer obrigações para com a vida das pessoas ou do planeta.

Em resumo, o mundo que os Estados Unidos buscaram “criar à sua imagem e semelhança”, por meio das instituições internacionais, está baseado no princípio da lei do mais forte. E a “paixão norte-americana pelo livre mercado” implica que o governo dos Estados Unidos pode violar os acordos de comércio sempre que julgar necessário. Nenhum problema surge quando as comunicações, os bancos e a oferta de alimentos passam ao controle de empresas estrangeiras (principalmente norte-americanas). O problema é outro, porém, quando os acordos comerciais e as leis internacionais atrapalham os projetos dos poderosos mais uma vez, em conformidade com as claras lições da História. (CHOMSKY, 2002, p. 41)

Para Chomsky, fica claro que os governantes do mundo sabem que o seu sistema foi estabelecido para atender às necessidades da minoria rica, não da maioria, e, portanto, não podem permitir que a maioria questionasse o poder das grandes empresas. O neoliberalismo se esforça diariamente para passar a impressão de que não há alternativa a seu modo de vida. Chomsky alerta que se estamos seguindo os ideais norte-americanos estamos fadados a uma tecnocracia cruel e desumana:

[...] Os Estados Unidos também batem recordes de fome, pobreza infantil e outros indicadores sociais básicos.

Tudo isso acontece no país mais rico do mundo, com vantagens sem paralelo e instituições democráticas estáveis, mas também, num grau incomum, submetido ao governo dos negócios. São augúrios para o futuro, em todo o mundo, se for mantido o “dramático afastamento dos ideais políticos pluralísticos e participativos em favor de um ideal autoritário e **tecnocrático**”. (CHOMSKY, 2002, p. 60)

De acordo com Naomi Klein, um dos principais teóricos contemporâneos do neoliberalismo foi **Milton Friedman**¹⁵. Segundo ela o economista da Universidade de Chicago é o criador do que ela chama “doutrina do choque”. Para Friedman é necessário uma crise real, ou gerada para se produzir uma mudança verdadeira.

[...] Tão logo uma crise se instalava, o professor da Universidade de Chicago defendia que era essencial agir rapidamente, impondo mudanças súbitas e irreversíveis, antes que a sociedade abalada pela crise pudesse voltar à “tirania do *status quo*[...]. Como uma variação das advertências de Maquiavel, no sentido de que os “sofrimentos” devem ser infligidos “todos de uma só vez”, este foi um dos legados estratégicos mais duradouros de Friedman. (KLEIN, 2008, p.16)

Segundo a autora, depois que o furacão Katrina varreu Nova Orleans, os políticos, e os empreendedores imobiliários viram uma oportunidade clara de negócios no que eles chamavam de “terrenos limpos”. Segundo ela esse era o método preferencial de se promover os objetivos das corporações, ou seja, aproveitar o trauma coletivo para uma mudança social e econômica radical.

¹⁵ A obra mais conhecida de Milton Friedman chama-se *Capitalismo e Liberdade* (1995) e foi originalmente publicada nos Estados Unidos em 1962. Considerado por muitos como o pai do neoliberalismo contemporâneo.

Para Naomi, os três pilares dessa marcha para “libertar” os mercados eram: a privatização, desregulamentação governamental (estado mínimo) e cortes profundos nos gastos sociais. Mesmo com essas medidas sendo impopulares, elas eram profundamente defendidas pelo meio político e pela classe especialista, buscando assim estabelecer consenso popular.

Segundo ela, essa prática varreu todo o globo desde 1970 até hoje. Nessa passagem ela relata vários exemplos da “doutrina do choque” sendo aplicada em diversos locais do planeta:

Olhando pelas lentes dessa doutrina, os últimos 35 anos parecem diferentes. (...)Na Argentina da década de 1970, o “desaparecimento” de trinta mil pessoas sob o governo da junta militar, muitas delas ativistas de esquerda, fez parte da imposição ao país das políticas da Escola de Chicago, do mesmo modo que o pavor foi parceiro para um tipo similar de metamorfose econômica no Chile. Na China, em 1989, foram o choque do massacre da praça Tiananmen e as prisões subsequentes de milhares de manifestantes que facilitaram ao Partido Comunista a conversão de amplas partes do país em uma grande zona de exportação, suprida com uma força de trabalho excessivamente aterrorizada para reivindicar seus direitos. Na Rússia, em 1993, foi a decisão de Boris Yeltsin de enviar os tanques para bombardear o Parlamento e prender os líderes da oposição que abriu caminho para a escalada de privatizações e criou os notórios oligarcas do país. (KLEIN, 2008, p.19)

A ideia de explorar crises e desastres foi o *modus operandi* da escola de Chicago e seu idealizador Milton Friedman. De acordo com a autora, a estratégia de Chicago sempre dependeu do desastre para implantar seu capitalismo liberal. “[...] como Friedman compreendeu, a atmosfera de uma crise de grande porte oferece o pretexto necessário para invalidar os desejos expressos pelos eleitores e entregar o país nas mãos dos “tecnocratas” (KLEIN, 2008, p.20).

Em resumo estamos tratando aqui da ideia de privatizar os governos, ou seja: eliminar a esfera pública, dar total liberdade para as corporações e gasto social mínimo. Segundo a autora em todos os países que adotaram as políticas da Escola de Chicago, o que vimos foi uma aliança poderosa entre algumas poucas corporações de grande porte e uma camada de políticos muito ricos.

O nome mais apropriado para um sistema que elimina as fronteiras entre o Grande Governo e o Grande Negócio não é exatamente liberal, conservador ou capitalista, mas sim corporativo. Suas principais características são enormes transferências de

riqueza pública para mãos privadas, frequentemente acompanhadas de uma explosão do endividamento, uma polarização cada vez maior entre os muito ricos e os pobres descartáveis, e um nacionalismo agressivo que justifica gastos exorbitantes com a segurança. Para aqueles que vivem dentro da bolha da extrema riqueza criada por esse tipo de arranjo, não existe melhor modo de organizar uma sociedade. No entanto, em função das desvantagens impostas à grande maioria da população que fica fora dessa bolha, outros aspectos do Estado corporativo são vigilância agressiva (de novo, com troca de favores e contratos entre governo e grandes corporações), prisões maciças, redução drástica dos direitos civis e, com frequência, porém nem sempre, tortura. (KLEIN, 2008, p.25)

Tanto Chomsky quanto Klein nos alertam para esse sistema corporativo tecnocrata. Podemos entender esse momento histórico que vivemos como uma era pós-Estado, em que na verdade somos governados pelos interesses de grandes oligarquias, as chamadas multinacionais e *Big-Techs*.

Diferente do que pareça a autora, não sugere uma estrutura política Comunista. De acordo com ela podemos encontrar um meio-termo entre o mercado de produtos livres e um Estado voltado para o bem-estar social. Não se espera o fim do Capitalismo, mas sim a redução da desigualdade social, e o fim de um mundo onde as vidas são devastadas e destruídas em nome do lucro exorbitante de uma minoria ínfima de poderosos.

Eu não estou argumentando que todas as formas de sistemas de mercado são inerentemente violentas. É possível a existência de uma economia de mercado que não exija tamanha brutalidade nem imponha esse tipo de purismo ideológico. Um mercado livre para produtos de consumo pode coexistir com um sistema público de saúde, com escolas públicas, e com um amplo segmento da economia controlado pelo Estado — como uma empresa petrolífera nacionalizada, por exemplo. É ainda factível exigir das corporações que paguem salários decentes e respeitem os direitos dos trabalhadores de formar sindicatos, e dos governos que cobrem seus impostos e redistribuam a riqueza a fim de reduzir as desigualdades que caracterizam o Estado corporativo. Os mercados não precisam ser fundamentalistas. (KLEIN, 2008, p.30)

É exatamente contra esse sistema de conciliação entre Estado e livre-mercado que a escola de Friedman foi estruturada. Sua ideologia é perigosa e destrutiva, suas bases são estabelecidas nos escombros de povos e culturas; ela se sustenta no desejo declarado de pureza inatingível, numa página em branco, num espaço vazio onde se possa construir uma

sociedade-modelo, em que os ricos governam do alto de suas torres enquanto o mundo é destruído e grande parte da população passa fome, numa absoluta falta de humanidade.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, a discussão sobre o mal-estar na sociedade de consumo e sua insustentabilidade se fez necessária devido à gravidade de seu impacto na vida e como entendemos nossa forma de viver em uma sociedade capitalista contemporânea. Por meio desta pesquisa, analisamos sob diferentes perspectivas as deturpações de valores sociais, e a modulação de conceitos como o da sustentabilidade em favor do neoliberalismo. Muitas são as discussões sobre a sustentabilidade e a nossa maneira de viver enquanto sociedade. Nossos objetivos foram o de apontar e fomentar uma discussão ética acerca da sustentabilidade ou insustentabilidade de nossa atual sociedade de consumo mediante o capitalismo neoliberal, e suas implicações estéticas e políticas.

Para tanto, partimos de Freud, em *Mal-Estar na Civilização (1996)*, o autor propõe que nosso viver em sociedade gera um sufocamento em nossa natureza, onde os valores morais atuam de forma destrutiva sobre a saúde mental das pessoas. Procuramos atualizar esse mal-estar, Freud morreu em 1939, não podendo assim acompanhar os desdobramentos de nossa sociedade. Com esta pesquisa, tentamos apontar que nosso mal-estar hoje está relacionado com o modo de vida e produção capitalista neoliberal. Através de diversas abordagens buscamos apontar questões éticas envoltas no tema, sua aplicação prática e por consequência política, além das muitas expressões estéticas e artísticas que demonstram esse mal-estar.

Estamos vivendo sob valores deturpados: o materialismo, a realização através do sucesso financeiro, o desenvolvimento de um país medido apenas pelo lucro. Em linhas gerais isso está nos destruindo e destruindo o nosso planeta. Viver dessa forma se faz insustentável tanto para o indivíduo, quanto para a sociedade e para a vida na Terra.

Tentamos apontar que existem forças, oligárquicas que exercem poder real sobre os países mais pobres. Assim como existem formas de poder para subjugar a sociedade no geral. Uma verdadeira rede de domínio entre política, mídia e livre-mercado.

As políticas neoliberais vêm dominando o globo desde meados de 1970, se tornando a principal estrutura política e econômica do mundo. Com o controle midiático, o neoliberalismo se vende como a melhor das opções, defende a liberdade e a democracia, o direito de escolha e o livre-comércio, mas esconde a destruição ambiental e a avassaladora desigualdade social causado pelo foco em lucro e desenvolvimento econômico. Os nossos esforços aqui foram para reunir autores que buscam esclarecer os problemas desse nosso modo de vida atual. Para além da problematização, estes autores também propõem possíveis soluções e/ou alternativas ao modo de vida do consumo neoliberal.

Chomsky foca bastante na necessidade de um despertar. Para ele, precisamos acordar e nos libertar do controle da Mídia e abrir os olhos para nossa realidade. Sendo este um primeiro passo para a busca de uma transformação. O autor brasileiro Gadotti, propõe outras formas de economia. Como por exemplo, a economia solidária em resposta a economia predatória focada em lucros das grandes oligarquias. Gadotti também propõe uma mudança radical de estrutura e pensamento, que deve começar pela educação e formação dos cidadãos. Se deve pensar um educar para uma vida sustentável, onde os valores neoliberais de consumo devem ser deixados de lado. Por fim a jornalista canadense Naomi Klein propõe uma visão econômica de equilíbrio “Um mercado livre para produtos de consumo pode coexistir com um sistema público de saúde, com escolas públicas, e com um amplo segmento da economia controlado pelo Estado” (KLEIN, 2008, p.30). Onde, salários mais justos deveriam ser pagos aos trabalhadores e os ricos deveriam ser taxados de acordo com as suas fortunas.

Estas questões vão para além do antagonismo de classes propostos por Marx e Engels, agora não estamos numa luta entre proletariados e burgueses. Mas sim entre uma ínfima

minoria que detêm todo o poder do mundo através de uma tecnocracia, e o restante da população condenada a um modo de vida destrutivo.

Desta forma, acreditamos que a presente pesquisa se mostrou relevante como forma de apresentar os problemas da sociedade contemporânea frente o consumismo neoliberal, desde o mal-estar individual, e o sofrimento do indivíduo, até a completa destruição do planeta Terra enquanto bioma habitável, passível de vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

LIVROS:

ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

BEIGBEDER, Frédéric. **\$29,99**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

CHOMSKY, Avram Noam. **Mídia: Propaganda Política e Manipulação**, Editora WMF Martins Fontes Ltda, 2014.

CHOMSKY, Noam. **O lucro ou as pessoas?** Neoliberalismo e ordem global. Rio de Janeiro: Bertrand, 2002.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educative**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 60 ed. São Paulo: Paz e Terra. 2016.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização** (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 21). Rio de Janeiro: Imago. 1996.

FRIEDMAN, Milton. **Capitalismo e liberdade**. São Paulo: Nova Cultural, 1995.

GADOTTI, Moacir. **Educar para a sustentabilidade**: uma contribuição à década da educação para o desenvolvimento sustentável. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2008.

HORKHEIMER, Max. **Eclipse da razão**. Tradução de Carlos Henrique Pissardo. São Paulo: Editora da Unesp, 2015.

HOURNEAUX Jr. F. e outros. “**Gestão responsável:** responsabilidade, ética e sustentabilidade a partir do Principles for Responsible Management Education (PRME)” in ORGANICOM–ANO 14 – N. 27 – 2º SEM. 2017.

KLEIN, NAOMI. **A doutrina do choque: a ascensão do capitalismo de desastre.** Tradução de Vania Cury. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2008.

LIBERA, G. D.; CALGARO, C.; ROCHA, L. S. **A insustentável sustentabilidade do capitalismo.** Revista Direito e Justiça: Reflexões Sociojurídicas, v. 20, p. 137-155, 20 fev. 2020.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã.** Trad. Luis Cláudio de Castro e Costa. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto Do Partido Comunista.** Trad. Álvaro Pina. São Paulo: Boitempo editorial, 2005.

SITES E FILMES:

99 Francs. Direção: Jan Kounen. Pathé. 2007. DVD.

Conheça Steve Cutts. Disponível em: <<https://diarioverde.com.br/conheca-steve-cutts/>> Acesso em: 12/10/23.

Eco Troca. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ycLOcxBQ0yc>> Acesso em: 12/10/23.

Entrevista Jeff Ament. RollingStone. Disponível em: <<https://rollingstone.uol.com.br/noticia/por-que-o-pearl-jam-relutava-em-fazer-clipes-no-comeco-da-carreira/>> Acesso em: 12/10/23.

Entrevista Tarcísio de Freitas. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/sao-paulo/tarcisio-pede-a-justica-aumento-da-multa-a-grevistas-de-metro-e-cptm>> Acesso em: 12/10/23.

Happines. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=e9dZQelULDk>> Acesso em: 12/10/23.

Steve Cutts. Disponível em: <https://www.youtube.com/@steve_cutts> Acesso em: 12/10/23.

The man. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=WfGMYdalCIU>> Acesso em: 12/10/23.

They Live in John Carpenter's Own Word. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ORrasstzfEY>> Acesso em: 12/10/23.

Turning point. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=p7LDk4D3Q3U>> Acesso em: 12/10/23.